



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da nova unidade de fundição da fábrica Dedini
S.A.**

Piracicaba-SP, 16 de janeiro de 2004

Meu caro governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin,
Meu caro companheiro José Machado, prefeito de Piracicaba,
Meu caro Tarcísio Mascarim, presidente corporativo da Dedini,
Meu companheiro José Luiz, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos
de Piracicaba,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra de Minas e
Energia,

Meu caro companheiro José Graziano, ministro extraordinário de
Segurança Alimentar e Combate à Fome,

Meus companheiros deputados federais,

Deputados estaduais,

Secretários do estado de São Paulo,

Secretários da prefeitura,

Diretores da Dedini,

Meus companheiros e companheiras metalúrgicos e metalúrgicas da
Dedini,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu não sei se foi pelo fato de eu ter sido dispensado da Villares, em
1981, que eu virei Presidente da República. O dado concreto é que se não
tivesse sido mandado embora, eu certamente não estaria aqui, hoje, como
Presidente da República.

Dizem que há males que vêm para bem. Eu também achei que foi um



mal eu ser mandado embora, porque eu não tinha mais como ficar na Villares, depois das greves de 80. Então, eu tinha que sair mesmo da Villares.

Mas, quero dizer aos trabalhadores, ao povo de Piracicaba, aos meus queridos prefeitos – que eu esqueci, porque não está na minha nominata – a todos vocês, e ao Governador e ao Prefeito, a alegria de começar o ano inaugurando uma fábrica.

Eu acho que esse ano nós vamos inaugurar muitas fábricas. Esse é o ano em que eu acho que a economia brasileira vai dar resposta aos anseios, às aspirações e, por que não dizer, até às inquietudes de milhões e milhões de seres humanos, nesse país, que estão à espera de uma oportunidade para poder trabalhar e viver a sua vida com o resultado do seu trabalho.

A economia, neste ano, está preparada para crescer. O país está preparado para exportar mais. O país está preparado para aumentar as relações com outros países e, portanto, vender muito mais.

Há alguns anos atrás, no começo do PT, qualquer fazendeiro que tivesse dois hectares tinha medo, porque achava que nós íamos tomar as suas terras. O tempo se encarregou de aproximar vários de nós com grandes proprietários de terra deste país.

E, graças a companheiros como o José Machado, graças a companheiros como Palocci, que assumiram prefeituras de cidades onde a cana-de-açúcar tinha um papel extremamente importante, esse diálogo se colocou e, como disse o companheiro José Luiz: a gente pode perder muita coisa, o que a gente nunca perde é se a gente tiver paciência de dialogar, com a cabeça aberta para convencer e para ser convencido.

E nós passamos a perceber que uma parte das pessoas, no Brasil, começou a ter vergonha de defender o Pró-álcool, de defender as usinas brasileiras. Uma parte até com razão, porque houve momentos difíceis da economia em que, durante muito tempo, algumas pessoas tiraram proveito até da capacidade de financiamento que o Governo teve, no começo.



E nós acreditamos que era possível encontrar homens de bem do nosso lado, homens de bem de todos os lados e, juntando os homens de bem, a gente pôde começar a construir uma idéia que pudesse ganhar força e que pudesse fazer com que ninguém tivesse vergonha de ser usineiro neste país.

E fico orgulhoso de ter participado desse momento histórico, em que quebramos muitos tabus existentes no país. Não apenas tabus de usineiros para conosco, mas também de nós para com os usineiros. E, hoje, estamos percebendo que valeu a pena alguém, um dia, acreditar que este país poderia ter na produção de álcool uma das suas grandes fontes alternativas de energia e, mais do que isso, uma das suas grandes fontes de produtos que podem ser exportados para o mundo.

Nós todos estamos trabalhando com a expectativa de que a Rússia assine o protocolo de Kioto o mais rápido possível. Assinando o protocolo de Kioto, certamente os países terão que colocar etanol na sua gasolina. E não tem no mundo nenhum país mais preparado do que o Brasil para crescer e para atender uma parte da demanda que o mundo vai precisar, eu diria, mais rápido do que muita gente acredita neste país.

Temos recebido muitos representantes de governo de vários países. Estamos otimistas de que as pessoas vão ter que começar a se convencer de colocar mais álcool na gasolina. E estamos convencidos de que o Brasil está preparado para disputar, até porque o álcool brasileiro custa menos do que o álcool produzido em qualquer outro país do mundo.

E não poderíamos dar esse salto de qualidade se não tivéssemos aqui, em Piracicaba, uma fábrica de fazer fábricas. Não teríamos essa oportunidade. Por quê? Nessas reuniões que tenho feito com os países da América do Sul, temos notado, primeiro, a vontade deles de construir usinas e começarem a produzir álcool e açúcar nos seus países. É a Venezuela, é a Colômbia, é a Bolívia. E nós achamos que o Brasil, se quiser ter uma política de parceria efetiva com os países que fazem fronteira com o Brasil, precisa ter capacidade



de ajudar no financiamento, para que esses países possam comprar os produtos que fabricamos aqui dentro.

E, no que diz respeito à produção de álcool e açúcar, o Brasil está preparado para competir com qualquer país do mundo. E não tenho dúvida de que vamos vender muita coisa para os nossos parceiros da América do Sul.

Não tenho dúvida de que a inauguração desta fábrica vai ser motivo de contratação de muitos metalúrgicos ainda, de mais metalúrgicos, porque a nossa expectativa é a de que é muito, mas muito promissor o que está acontecendo nessa relação Brasil-Mercosul, Brasil-América do Sul, Brasil-América Latina e Brasil e Mundo.

Acho que estamos dando os passos certos. Não podemos ter pressa, para trabalharmos de forma atabalhoada. Mas este ano é o ano em que o governo adquiriu uma capacidade de investimento pelo menos três vezes superior à que tivemos no ano passado.

É por isso que digo que estou, em 2004, mais otimista do que estive em 2001 – e eu já estava muito otimista. Acho que a economia brasileira vai crescer. Vamos fazer, através da capacidade de financiamento que possam ter as instituições de financiamento do Brasil, o que estiver ao nosso alcance para financiar o surgimento de novas indústrias, o surgimento de novos postos de trabalho. Vamos investir o máximo que já foi investido neste país para que a gente possa resolver o problema de habitação e saneamento básico, sobretudo nas grandes regiões metropolitanas, onde o desemprego é muito grande e onde a violência cresce a cada dia.

E vamos fazer com que o Brasil volte a aparecer no cenário da macroeconomia mundial como um país em que, pela primeira vez, estamos construindo uma estabilidade sem nenhum plano mirabolante. Não tem plano Collor, não tem plano Bresser, não tem plano Verão, não tem plano Cruzado. Ou seja, tem, na verdade, o compromisso de tratar a economia brasileira como um trabalhador sério trata o seu salário na relação com a sua família. Um



trabalhador que não tem seriedade e não tem respeito pela sua família é capaz de pegar o seu salário e gastá-lo no primeiro salão de *snooker* que tiver na cidade. Um trabalhador sério pega o seu salário, vai para casa, senta com a mulher e vai discutir como pagar a dívida e o que fazer se sobrar algum centavo no seu pagamento.

É por isso que se cunhou uma frase muito famosa neste país, de que trabalhador de salário mínimo é que deveria administrar a economia do Brasil, porque, se eles conseguem viver com um salário mínimo, imaginem se tivessem o montante de dinheiro que tem, normalmente, o Governo para administrar o país.

Então, estamos fazendo a coisa. Não tem milagre. Não tem invenções. Não tem plano Lula, plano Palocci, plano Alckmin, plano José Dirceu, plano Graziano. Não tem plano. Tem o estabelecimento de uma política de relação de fidelidade com as pessoas, de sinceridade e, sobretudo, uma relação de credibilidade: o que pode, pode; o que não pode, não pode. Se der para fazer hoje, fazemos. Se não der, fazemos amanhã.

Ninguém vai ser pego de surpresa com qualquer medida anunciada no jornal da meia-noite ou, quem sabe, na primeira edição dos matutinos brasileiros. Não. É melhor sentar em torno de uma mesa, é melhor tirar as diferenças, é melhor discutir, para que todo mundo saiba o que vai acontecer, até porque o povo brasileiro não pode aceitar mais aqueles planos, que, à noite, na televisão, parece que todos nós encontramos o paraíso e, passados alguns anos, começamos a colher os prejuízos das invenções acadêmicas que constituíram grande parte das políticas econômicas brasileiras.

Não tem tese acadêmica. O que tem é a certeza absoluta de que um país do tamanho do Brasil, com o potencial do Brasil, com os trabalhadores preparados, como tem o Brasil. Tenho cansado de andar pelo mundo, de inaugurar fábricas multinacionais e estou cansado de ver empresários dizerem que poucos lugares do mundo têm trabalhadores da qualidade e da



versatilidade que tem o trabalhador brasileiro.

É acreditando nisso que eu queria dizer ao Alckmin que, certamente, vamos inaugurar outras fábricas por este Estado, vamos inaugurar outras fábricas pelo Brasil afora e vamos, quem sabe, poder afirmar aos empresários que quiserem investir aqui duas coisas simples: primeiro, “Venham que não terá mais “apagão” neste país. Segundo, “Venham que não terá nenhum plano milagroso anunciado à zero hora e um minuto do dia seguinte. As coisas vão ser feitas às claras, porque o Brasil não pode prescindir da recuperação da auto-estima e da confiança que o nosso povo está tendo hoje no nosso país.”

Inaugurar uma fábrica que gera 400 empregos, no momento em que a economia brasileira retoma o crescimento – e todos os indicadores, desde novembro, vêm mostrando: é o crescimento econômico, é a recuperação da massa salarial dos trabalhadores. Haveremos de construir as coisas, José Luiz, com a paciência que tem o trabalhador. O trabalhador, quando começa a trabalhar aqui, sabe que vai começar com um salário. Ele tem a perspectiva de um teto e sabe que não pode ser afobado, ele só tem que ser competente. Porque, se for afobado, ele até é mandado embora antes de chegar o seu salário. Na vida política é assim: a gente não pode fazer nada de forma atabalhoada.

Eu, agora, estava numa cidade e pediram para que eu anunciasse a construção de uma grande avenida. Seria fácil para alguém com o microfone na mão anunciar: “Olha, eu vou fazer, aqui, tal avenida”. Eu falei: “Eu prefiro não falar.” Eu prefiro dizer para vocês: “Não tenho compromisso. Se der faço, se não der não faço, porque o povo brasileiro está cansado de gente prometer coisa que não faz”.

Então, eu quero tratar o povo brasileiro como eu trato os meus filhos. Eu prefiro dizer um não do que contar uma mentira. E, muitas vezes, nós vamos ter que dizer não.

A reforma da Previdência foi dura; a reforma tributária não foi uma tarefa



fácil. Mas nós construímos, com os governadores, com os deputados, com os senadores, não aquela reforma do sonho de cada um de nós, individualmente, mas aquela que era possível, em função do momento político que estávamos vivendo.

E vai ser assim, daqui para a frente. Para mim, não tem prefeito do PT, governador do PSDB. Na hora que você está exercendo o cargo máximo deste país, você não vê partidos, você vê seres humanos. E eu quero governar o Brasil para os 176 milhões de brasileiros, respeitando os direitos daqueles que gostam de mim, daqueles que não gostam de mim. Eu não confundo a minha relação de amizade pessoal com o papel de Chefe de Nação que o povo brasileiro me deu, nas eleições de 2002.

Por isso, quero parabenizar a direção da Dedini. Pela crença, pela credibilidade que vocês estão dando ao país; pela expectativa que vocês têm, inaugurando uma fundição como essa, de ter muito mais coisas para oferecer aos clientes de vocês.

Aqui estou vendo vários usineiros, e eu espero que eles continuem acreditando que é possível crescer, de que é possível vender lá fora. Eu estabeleci como meta que o nosso Governo tinha que ser uma espécie de mascote, na sua política externa. Nós não temos que ficar aqui, no Brasil, esperando que o russo venha comprar de nós. Não.

Agora mesmo, os russos fizeram uma política de importação de carne em que o Brasil ficou de fora. Eu poderia estar chorando na imprensa: “Ah, porque a Rússia nos deixou de fora”. Não. A nossa decisão é a seguinte: Furlan embarcou para a Rússia ontem, para ir lá discutir com os russos porque não comprar a carne brasileira do nosso querido “boi verde”, ao invés de se arriscar comprando carne que pode estar contaminada pela “vaca louca”.

Nós não vamos ficar esperando, chorando, lamentando. Todos nós só vamos para a frente se a gente estiver otimista. Se a gente está desempregado e fica em casa chorando porque não tem emprego, a gente nunca vai arrumar



emprego. Mas, se a gente sai, a gente pega um “bico”, corta uma grama, faz um muro, limpa uma coisa. Quem tem responsabilidade sabe que é assim que a gente faz. Quem não tem, fica xingando alguém pela sua própria desgraça.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.

Eu esqueci de falar: eu e o Alckmin, nós não fomos para as Olimpíadas, mas o Sindicato nos condecorou com duas Medalhas do Mérito dos Metalúrgicos. Muito obrigado pela medalha.

/mcpro/lrj